

NOTAS ETNOGRÁFICAS DO CORTEJO DE IEMANJÁ NA CIDADE DE AREIA BRANCA – RN

Eliane Anselmo da Silva¹

Resumo: Iemanjá, conhecida no Brasil como a rainha do mar, é um orixá, uma divindade de origem africana, que dentro do panteão cultuado no país é a mais popular. Seu nome deriva do iorubá Yèyé omo ejá, que significa “mãe cujos filhos são peixes”. Os festejos dedicados à Iemanjá ocorrem em todo o Brasil, em diversas datas, em decorrência do sincretismo religioso que marca a origem das religiões africanas no país. Na cidade de Areia Branca, os festejos à Iemanjá acontecem no dia 31 de dezembro, quando testemunha o maior ritual público da religião afro-brasileira: o cortejo de Iemanjá, como ficou popularmente conhecido. Terreiros, adeptos e simpatizantes da religião reúnem-se em procissão pelas ruas centrais da cidade em direção ao cais Tertuliano Fernandes, para em balsas, seguir pelo rio Ivipani até o encontro com o mar para deixarem suas oferendas. O cortejo já faz parte do calendário local de festas de fim de ano da cidade, como um momento único de visibilidade para essas religiões, sobretudo porque as oferendas realizadas durante o festejo não se limitam apenas aos adeptos dessas religiões, atestando a popularidade da crença a essa divindade tão afro quanto brasileira.

Palavras-chave: cortejo, Iemanjá, religiões afro-brasileiras, Areia Branca – RN.

Estas breves notas etnográficas, em sentido geertziano (1978), apresentam um recorte da descrição densa produzida na cidade de Areia Branca, no Estado do Rio Grande do Norte, dos cortejos e festejos anuais dedicados à divindade Iemanjá. Como enfatiza o mestre da Antropologia Simbólica, trata-se de um exercício de percepção semiótica da cultura, expressa em modos de ação (ethos) e modos de realidade (visões de mundo) simbolicamente articulados e ritualizados nos momentos liminares e efervescentes da aldeia:

O lócus do estudo não é o objeto do estudo. Os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam nas aldeias. Você pode estudar diferentes coisas em diferentes locais, e algumas coisas – por exemplo, o que a dominação colonial faz às estruturas estabelecidas de expectativa moral – podem ser melhor estudadas em localidades isoladas. Isso não faz do lugar o que você está estudando. (GEERTZ, 1978, p. 32).

¹ Doutora em Antropologia, professora do departamento em Ciências Sociais e Políticas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-Mail: elianeanselmo1@yahoo.com.br.

Os cultos e crenças africanas têm origem no Brasil a partir do encontro dos diferentes povos trazidos na diáspora forçada pelo processo de escravidão no Novo Mundo. As crenças nas divindades africanas, bem como outros elementos de sua cultura, atuaram como um artifício unificador desses povos que aqui vieram, e ficaram assim profundamente enraizadas no país, constituindo elementos fundamentais não apenas da religiosidade, mas da sua própria identidade cultural.

Iemanjá, conhecida no Brasil como a rainha do mar, é um orixá, uma divindade de origem africana, que dentro do panteão cultuado no país é a mais popular. Seu nome deriva do iorubá *Yèyé omo ejá*, que significa “mãe cujos filhos são peixes”. Sereia, Mãe-d’água, Janaína, Inaê, Oloxum, Yassobá, Princesa de Aiocá, Mucunã, Dandalunda e Marabô, são alguns dos nomes referentes à grande mãe dos Orixás no Brasil.

Segundo a tradição africana, Iemanjá é uma divindade da nação² iorubá, os *Egbá*, que viviam originariamente no sudoeste da Nigéria, entre Ifé e Ibadan, onde haveria um rio chamado Iemoja. Durante o século XIX, por causa das guerras entre os povos iorubás, os Egba foram obrigados a se afastar do rio Iemanjá e passaram a viver em Abeokuta, mas continuaram cultuando a divindade, que segundo a tradição, passou a viver em um novo rio, o Ògùn.

Os festejos dedicados à Iemanjá ocorrem em todo o Brasil, em diversas datas, em decorrência do sincretismo religioso que marca a origem das religiões africanas no país. Como singularidade, os festejos à Iemanjá representam, entre os congêneres, ou seja, entre as festas religiosas mais populares no Brasil, os únicos centrados exclusivamente em atos do culto afro-brasileiro, muito embora seja evidente o sincretismo³ de Iemanjá com santas católicas e suas datas comemorativas, como é o caso de nossa senhora dos Navegantes, nossa senhora das Candeias, nossa senhora da Conceição e a virgem Maria de maneira geral.

De maneira geral esses festejos acontecem no dia 08 de dezembro, como é o caso da cidade de Recife, Pernambuco, e no dia 02 de fevereiro em Salvador, na Bahia, como lembra Cascudo (1972, p. 632). Assim como em Recife, na cidade de São Paulo também se comemora Iemanjá no dia 08 de dezembro. Já em Fortaleza, no Ceará, a festa acontece especificamente no dia 14 de agosto desde a década de 1950, tornando-se Patrimônio Imaterial da cidade no ano de 2017.

Em muitos lugares, é o dia 31 de dezembro, fundindo-se as comemorações de passagem de ano, ou melhor, do ano novo, que data esse festejo, principalmente nas cidades litorâneas brasileiras, conforme observou Serra (1999, p. 159). Especificamente na cidade do Rio de Janeiro, o autor relata que “*grupos religiosos, de terreiros de umbanda, acorrem então à praia para fazer oferendas a Iemanjá, e então realizarem pequenas celebrações religiosas, com toques de atabaques, cânticos e preces, entrando muitos em transe*”. Segundo Serra, é então o mais gigantesco rito de oferendas realizado no Brasil.

2 O termo “nação” expressa as ideias que o grupo tem sobre as origens africanas do candomblé, onde dependendo da nação, os rituais apresentam diferenças (VELHO, Yvone M. Guerra de orixás. 2. ed. Rio de Janeiro, Zahar: 1977).

³Nas religiões afro-brasileiras, o sincretismo diz respeito especialmente a identificação ente os santos católicos e os orixás africanos (ver: FERRETTI, Sérgio. 1995. **Repensando o Sincretismo**. São Paulo, EDUSP – FAPEMA).

Sendo de maneira geral as datas mais comuns das comemorações à Iemanjá, pode-se dizer que: o dia 31 de dezembro segue uma tradição umbandista, sendo essa data inclusive escolhida, nos anos 60 do século XX, como o dia nacional do umbandista, tamanha a importância dessa comemoração para este segmento religioso afro-brasileiro; enquanto isso, o dia 02 de fevereiro, considerado o dia oficial de Iemanjá no Brasil, obedece a tradição do candomblé.

Sem dúvida, a festa de Iemanjá é um momento único de visibilidade para as religiões afro-brasileiras, sobretudo porque as oferendas realizadas durante o festejo não se limitam apenas aos adeptos dessas religiões, atestando a popularidade da crença a essa divindade tão afro quanto brasileira.

Num contexto local, no Rio Grande do Norte, os festejos dedicados à Iemanjá acontecem em ambas as datas. Na cidade de Natal, capital do Estado, a celebração acontece principalmente na conhecida Praia do Meio, onde já existe uma grande estátua da deusa dos mares. No último dia 02 de fevereiro, o local recebeu e inaugurou uma nova estátua de Iemanjá, após a mobilização e reivindicação dos terreiros da cidade e seus representantes, bem como do GAMA – Grupo de Articulação de Matriz Africana. A antiga estátua encontrava-se em estado de depredação e ruína, por ter sido alvo de atos de vandalismo e intolerância religiosa. Com a substituição, o ponto turístico da cidade foi preservado, bem como a tradição religiosa da festa de Iemanjá na referida praia também.

Na cidade de Areia Branca, também em terras potiguares, os festejos à Iemanjá acontecem no 31 de dezembro. Todos os anos, a cidade testemunha o maior ritual público da religião afro-brasileira: o cortejo de Iemanjá, como ficou popularmente conhecido. No dia 31 de dezembro, como algo literalmente sagrado, a partir das quatro horas da tarde, os terreiros, adeptos e simpatizantes da religião em geral reúnem-se em procissão pelas ruas centrais da cidade em direção ao cais Tertuliano Fernandes, para em balsas, cedidas por empresários marítimos e políticos locais, deixarem suas oferendas no mar.

A via marítima já é uma tradição religiosa local, onde também é comemorada a mais importante festa católica da cidade em homenagem à padroeira dos marítimos, Nossa Senhora dos Navegantes, no dia 15 de agosto. Como no próprio sincretismo afro-brasileiro, Iemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes são uma só para muitos areiabranquenses, mesmo os que não pertencem à religião afro-brasileira, mas a devoção é semelhante. O rio em seu encontro com o mar, presenciam momentos de fé e devoção. Após seguir pelas ruas da cidade, o cortejo chega às proximidades da igreja matriz de nossa senhora da Conceição - que é a padroeira da cidade e também identificada com Iemanjá - que fica localizada em frente ao cais marítimo, e segue rio a dentro para a entrega dos presentes à mãe das águas.

O cortejo e as comemorações à Iemanjá já fazem parte do calendário local de festas de fim de ano da cidade de Areia Branca, também realizadas no cais durante a noite, onde a tradicional queima de fogos acontece numa balsa que fica no meio do rio Ivipani, que dá acesso ao mar e as praias da cidade. Já existe uma expectativa da população e das autoridades locais todos os anos quanto ao cortejo de Iemanjá, cada ano mais prestigiada pela população e atraindo turistas de toda a região, contando assim com o apoio da Prefeitura, empresas e grupos políticos da cidade. E é assim que o cortejo de Iemanjá consegue arrancar tais olhares, bem como da imprensa local e da região para a religião

afro-brasileira. O momento é noticiado nos programas de rádio da cidade, e costumava ser publicado nos jornais através de matérias e notas sobre a festa de Iemanjá, o que atualmente foi substituído pelas redes sociais em ampla divulgação.

Mas esse momento singular de visibilidade das religiões afro-brasileiras na cidade, através do cortejo à Iemanjá, consolidou-se de maneira gradual. Há exatos dezenove anos, no dia 31 de dezembro de 2000, enquanto os demais terreiros de umbanda e candomblé da cidade de Areia Branca se reuniam nas praias da cidade para festejar e presentear a grande mãe do Mar, o Ìlè Asé Dajó Íyá Omí Sabá, ou como é mais conhecida, a Casa de Iemanjá, não quebrando a tradição, mas a reinventando, decidiu que ao invés de ir apenas à beira da praia cultuar Iemanjá, iria fazer um cortejo pelas ruas da cidade, mostrando com orgulho sua fé. A ideia parte do Babalorixá Noamã Pinheiro, então sucessor da saudosa Ìyálorixá Maria Pinheiro, que abençoou a nova forma de presentear aquela que era seu Orixá.

Até então, as comemorações dedicadas a Iemanjá aconteciam individualmente por cada terreiro. O Ìlè Asé Dajó Íyá Omí Sabà, que tem esta festa como a principal do seu calendário por se tratar do Orixá da casa, realizava sua festa na praia de Upanema, principal praia urbana da cidade. Seus membros e filhos junto com alguns convidados deslocavam-se num ônibus cedido pela prefeitura, do terreiro até a praia. No Centro Espírita de Umbanda Santa Bárbara, da saudosa mãe Edwirges, a festa acontecia no próprio terreiro e depois a panela com as oferendas era levada por alguns dos filhos da casa de barco até alto mar. Já no Centro Espírita Terreiro Pai José de Aruanda, do também saudoso, José Jaime Rolim, o ritual em homenagem a Iemanjá não era realizado no dia 31, mas no dia 02 de fevereiro, data da festa em Salvador; isso porque ele, o pai de santo da casa, participava sempre no dia 31 de dezembro, da festa em Natal junto com a Federação, da qual fazia parte. Mas segundo ele, os filhos da casa estavam liberados para participarem das festas nos outros terreiros (SILVA, 2011).

A iniciativa de transformar a festa de Iemanjá numa comemoração pública pelas ruas da cidade, como relatado anteriormente, num momento onde todos os terreiros, adeptos e simpatizantes da religião afro-brasileira se juntassem, foi do Ìlè Asé Dajó Íyá Omí Sabà. A ideia surgiu primeiramente por medidas de segurança e também comodidade para os próprios filhos da casa, pois havia rumores na época da presença de tubarões nas redondezas da praia de Upanema. E como a cesta ou panela de oferendas era deixada pelos filhos da casa, que nadavam até as partes mais profundas da praia para fazerem isso, os membros da casa preferiram evitar qualquer incidente. Decidiram assim transferir o ritual da entrega de oferendas da praia para o cais, no local onde o rio desemboca no mar. Procuraram para isso a ajuda da Prefeitura Municipal, que antes auxiliava com o ônibus, e de donos de empresas marítimas.

Quando tudo deu certo, o Ìlè Asé Dajó Íyá Omí Sabà passou a convidar os demais terreiros para essa ocasião. Mas nem todos os terreiros aceitaram romper com a tradição, tendo o Ìlè Asé Dajó Íyá Omí Sabà que realizar seu propósito sozinho, sob as críticas dos demais. Isso porque, até então, o local de culto à Iemanjá seria as praias da cidade, para onde vêm também terreiros de outras cidades não litorâneas da região.

Naquele momento, ambos não imaginavam a dimensão que essa nova escolha tomaria. A proposta do Ìlè Asé Dajó Íyá Omí Sabà era divulgar os festejos a Iemanjá, dando

visibilidade as religiões de matriz africana na cidade e combater o preconceito que o povo de santo tanto sofre no seu cotidiano. A partir desse ano, as tardes do dia 31 de dezembro não foram mais os mesmos na pequena cidade litorânea do oeste potiguar. As calçadas das casas, rua após rua, passaram a ser tomadas por olhares curiosos, por pessoas que aguardam para depositar seus presentes na cesta de Iemanjá, que trafega lentamente ao som dos atabaques, rodeada de flores e ao cheiro de alfazema; o branco das vestes dos filhos e filhas de santo, que caminham movidos pela fé e pela devoção, ilumina e clareia ainda mais a luz do dia. Um momento bonito de se ver, que contagia até mesmo os mais incrédulos.

Não demora para outras casas ou terreiros, compreenderem o propósito da Casa de Iemanjá, e comecem a se engajar no cortejo. A primeira a unir-se é a casa Pai José de Aruanda, com seu saudoso Babalorixá José Jaime Rolim, que continua com sua sucessora Kathia Cruz, atual Iyalorixá da Casa, que posteriormente fundiu-se ao Centro Espírita São Jerônimo. Posteriormente a casa de Babá Iran - o Yle Ase Ala Cajá Lonin - assim como adeptos de outras casas, começaram a participar. Hoje, o cortejo de Iemanjá na cidade de Areia Branca é referência no Estado, e um dos poucos, senão o único do tipo no Brasil.

Assim tem início a tradição do Cortejo de Iemanjá em Areia Branca, que é a marca dos festejos à deusa dos mares. Os festejos ganharam tanta importância que, a exemplo da capital, os representantes das religiões afro-brasileiras de Areia Branca já pleiteiam uma estátua da divindade na conhecida praia de Upanema. Audiências públicas, reuniões e diversas mobilizações nas redes sociais respaldam o que para os membros das religiões afro-brasileiras é uma questão de honra e respeito à tradição da cidade.

Assim, a festa de Iemanjá transformou-se num momento de união e de expressão de fé da religião afro-brasileira de Areia Branca. Sobretudo, quando atinge um público especial, o povo de Areia Branca, que atento acompanha o cortejo pelas ruas da cidade ou aguardam no cais. Ao longo dos anos, torna-se cada vez mais significativa o quantitativo de pessoas que se fazem presentes nesse momento de comemoração e expressão de fé.

O que começou com poucas pessoas, ousadas, que não se importavam em se vestir de branco e em declarar sua religião, sujeitas às críticas e zombarias, como já aconteceu no início, hoje constitui uma manifestação da crença e da cultura afro-brasileira da cidade e da região. Ir em direção ao cais, seguir junto aos adeptos numa procissão, navegar pelo rio ao encontro do mar para entregar oferendas, jogar flores; tudo isso já se tornou tradição no dia 31 de dezembro. Essa data representa um momento especial para a religião afro-brasileira da cidade, em que a vergonha⁴ desaparece e o povo de santo areiabranquense orgulha-se de dizer que é de axé.

⁴ O conceito de vergonha, em Barbosa (2015) pode ser entendido como o medo de perder a face, ou como uma angústia perante medos que o indivíduo não vê, no momento situacional, capaz de superar. Este medo, portanto, constitui uma prática social no espaço das interações vividas e experimentadas em situações concretas com o outro relacional. A alteridade, deste modo, é o mecanismo social que regula a vergonha e os medos através do encontro interacional.

Referências

- BARBOSA, Raoni Borges. Medos Corriqueiros e Vergonha Cotidiana: Um Estudo em Antropologia das Emoções. Cadernos do GREM N° 8. Editora Bagaço: Recife; Edições do GREM: João Pessoa, 2015.
- BASTIDE, Roger. 1989. As Religiões Africanas no Brasil. 3ª ed. São Paulo: Pioneira.
- BIRMAN, Patrícia. 1983. O que é Umbanda. São Paulo: Brasiliense.
- BROWN, Diana. 1985. Uma história da umbanda no Rio In BROWN, Diana et all. Umbanda e Política. Rio de Janeiro: Iser, p.9-42.
- CAMARGO, Candido Procópio Ferreira de. 1961. Kardecismo e Umbanda: uma interpretação sociológica. São Paulo: Pioneira.
- CASCUDO, Luis da Câmara. 1955. História do Rio Grande do Norte. Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Imprensa Nacional; Rio de Janeiro.
- CASCUDO, Luis da Câmara. 1972. Dicionário do Folclore Brasileiro. Brasília. Ministério da Educação.
- FERRETTI, Sérgio. 1995. Repensando o Sincretismo. São Paulo, EDUSP – FAPEMA.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- MOTTS, Roberto. 2002. Escatologia e visão de mundo nas religiões afro-brasileiras In BRANDÃO, Sylvana (Org.) História das Religiões no Brasil. Recife: Ed. Universitária da UFPE. p. 75-110.
- NEGRÃO, Lísias. 1996. Entre a Cruz e a Encruzilhada. São Paulo: EDUSP.
- MAGGIE, Yvonne. 1977. Guerra de orixás. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar.
- PRANDI, Reginaldo. 1991. Os Candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova. São Paulo: HUCITEC: EDUSP (Ciências Sociais; 29), p. 25-74.
- PRANDI, Reginaldo. 2003. As Religiões Afro-brasileiras e seus Seguidores In Afro-brasileiros, Pentecostais e Católicos, Vol. 3, N° 01, Porto Alegre, Civitas: PUCRS, junho de.
- PRANDI, Reginaldo. 2005. Segredos Guardados. Orixás na alma brasileira. São Paulo: Companhia das Letras.
- SERRA, Ordep. 1999. Águas do rei. Petrópolis. RJ: Vozes.
- SANTIAGO, Sérgio. 1973. O Ritual Umbandista. Fundação José Augusto – Natal.
- SEGALEN, Marina. 2002. Ritos e Rituais Contemporâneos. Rio de Janeiro: FGV Ed.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. 2000. O Antropólogo e sua Magia. São Paulo: EDUSP.
- SILVA, Eliane Anselmo. 2011. Cultos domésticos, terreiros e Federação: legitimidade e práticas religiosas no campo afro-brasileiro de cidades do Rio Grande do Norte. Recife: PPGA / UFPE.

Anexos

Fig. 1 – Cortejo pelas ruas da cidade.



Fonte: Eliane Anselmo, dez./2013.

Fig. 2 - Cestas de presentes para Iemanjá



Fonte: Eliane Anselmo, dez. / 2019.

Fig. 3 - Balsa para entrega dos presentes.



Fonte: Eliane Anselmo, dez./2013.

Fig. 4 - Balsa para entrega de presents.



Fonte: Eliane Anselmo, dez. / 2019.

ETHNOGRAPHIC NOTES OF IEMANJÁ CORTEGE IN THE CITY OF AREIA BRANCA - RN

ABSTRACT

Iemanjá, known in Brazil as the queen of the sea, is an orixá, a deity of African origin, which within the pantheon worshiped in the country is the most popular. Its name derives from the Yoruba Yèyé omo ejá, which means “mother whose children are fish”. The festivities dedicated to Iemanjá take place throughout Brazil, on different dates, due to the religious syncretism that marks the origin of African religions in the country. In the city of Areia Branca, the celebrations of Iemanjá take place on December 31, when it witnesses the greatest public ritual of the Afro-Brazilian religion: the Iemanjá procession, as it became popularly known. Terreiros, adepts and sympathizers of the religion gather in procession through the central streets of the city towards the Tertuliano Fernandes wharf, stop on ferries, follow the Ivipani river until meeting the sea to leave their offerings. The procession is already part of the local holiday calendar of the city, as a unique moment of visibility for these religions, especially because the offerings made during the celebration are not limited only to the followers of these religions, attesting the popularity of the belief to this deity as Afro as it is Brazilian.

Keywords: *cortege, Iemanjá, afro-brazilian religions, Areia Branca - RN.*